

**RE**ENCONTRO  
literatura

**Aluísio Azevedo**

# **O cortiço**

*Adaptação de*  
**José Louzeiro**

*Ilustrações de*  
**Rogério Borges**



editora scipione

*Gerência editorial*  
Sâmia Rios

*Edição*  
Samira Youssef Campedelli

*Assistência editorial*  
Dulce S. Seabra

*Preparação*  
Maysa Monção

*Revisão*  
Daniella Bessa Pucini,  
Andréa Vidal de Miranda e  
Thiago Barbalho

*Programação Visual de capa*  
Didier D. C. Dias de Moraes

*Diagramação*  
Marcos Dorado dos Santos



**editora scipione**

---

Avenida das Nações Unidas, 7221

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE  
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br  
e-mail: atendimento@scipione.com.br

---

2015

ISBN 978-85-262-8394-7 – AL

ISBN 978-85-262-8395-4 – PR

CAE: 263524 – AL

Cód. do livro CL: 738028

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO  
3.<sup>a</sup> impressão

*Impressão e acabamento*



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Azevedo, Aluísio, 1857-1913.

O cortiço / Aluísio Azevedo; adaptação de José Louzeiro. – São Paulo: Scipione, 1999. (Série reencontro literatura)

1. Romance brasileiro. I. Louzeiro, José, 1932 II. Título. III. Série.

98-5624

CDD-869.93

---

**Índices para catálogo sistemático:**

- |                              |       |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil        | 028.5 |

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger e impresso em papel Offset 75g/m<sup>2</sup>.

# SUMÁRIO

Nota do adaptador . . . . .	5
<i>Quem foi Aluísio Azevedo?</i> . . . . .	6
I . . . . .	9
II . . . . .	17
III . . . . .	20
IV . . . . .	25
V . . . . .	28
VI . . . . .	30
VII . . . . .	33
VIII . . . . .	40
IX . . . . .	43
X . . . . .	47
XI . . . . .	55
XII . . . . .	57
XIII . . . . .	60
XIV . . . . .	67
XV . . . . .	70
XVI . . . . .	73
XVII . . . . .	76
XVIII . . . . .	79
XIX . . . . .	81
XX . . . . .	84
XXI . . . . .	85
XXII . . . . .	89
XXIII . . . . .	93
<i>Quem é José Louzeiro?</i> . . . . .	96



## NOTA DO ADAPTADOR

**A** adaptação de um clássico é, antes de tudo, um gesto de admiração pelo escritor, uma tentativa de divulgá-lo para jovens leitores.

Adaptar *O cortiço*, lido e relido tantas vezes, foi tarefa árdua, porém gratificante. As maiores dificuldades surgiram nos momentos das necessárias elisões, da reordenação dos elementos romanescos e, também, da atualização de certas palavras e até de expressões inteiras.

O rigor da síntese fez-se acompanhar da devida cautela, a fim de que se mantivessem intactas a estrutura da obra, suas características estilísticas, a pujança narrativa do romancista.

*José Louzeiro*

## QUEM FOI ALUÍSIO AZEVEDO?

**A**luísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em 1857, em São Luís do Maranhão. Passou a infância no meio de uma sociedade conservadora, que não perdoava o fato de sua mãe e seu pai, vice-cônsul português, viverem juntos sem serem legalmente casados. Estudou no Liceu Maranhense, escola de fama que lhe deu uma boa formação. Ao mesmo tempo, trabalhava no comércio e pintava.

Com 19 anos, foi morar no Rio de Janeiro com o irmão, Artur de Azevedo, para estudar desenho e pintura na Imperial Academia de Belas-Artes. Aí conheceu o cotidiano da política e da imprensa. Bom na arte, Aluísio colaborou com charges e caricaturas em jornais como *Semana Ilustrada*, *Zig Zag*, *O Mequetrefe* e *O Figaro*.

A morte do pai, em 1878, fez com que voltasse a São Luís para cuidar da família e dos irmãos menores. Abandonou o desenho – que só voltaria a utilizar para ilustrar as cenas de seus romances. O jornalismo logo o atraiu: colaborou na imprensa local e ajudou a fundar o jornal anticlerical *O Pensador*. Em 1879, já havia lançado o romance romântico *Uma lágrima de mulher*. Mas foi em 1881 que o seu nome se tornou realmente conhecido: lançou o romance naturalista *O mulato*, muito criticado pela sociedade local, e foi aconselhado a “pegar na enxada, em vez de ficar escrevendo”.

Aluísio Azevedo abandonou definitivamente sua cidade natal e voltou para o Rio de Janeiro. Produziu folhetins românticos para jornais cariocas, romances ditados pela necessidade de ganhar dinheiro, como *Memórias de um condenado* e *Mistérios da Tijuca*, e obras bem mais elaboradas, dentro dos princípios da estética realista-naturalista, como *Casa de pensão* ou *O cortiço*, que consolidam o seu prestígio.

A literatura, porém, não lhe rendeu o suficiente. Aluísio Azevedo começou a acalentar a ideia de se dedicar à diplomacia, como forma de viver bem. A partir de 1895 foi nomeado vice-cônsul em Vigo, na Espanha. Desde então interrompeu sua atividade literária e

iniciou uma atribulada carreira diplomática, que passaria por Yokohama, no Japão; La Plata, na Argentina; Salto Oriental, no Uruguai; Cardiff, na Inglaterra; Nápoles, na Itália; Assunção, no Paraguai; e, finalmente, Buenos Aires, na Argentina, onde veio a falecer em 1913, aos 56 anos de idade.





João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um negociante português que enriqueceu entre as quatro paredes de sujo e obscuro armazém, instalado na periferia do bairro de Botafogo.

Preocupado com o futuro, João economizou quase tudo que ganhou nessa dúzia de anos. Quando o patrão resolveu voltar a Lisboa, decidiu premiar-lhe o esforço: pagou-lhe os salários, deu-lhe de presente a casa comercial sortida e mais um conto e quinhentos mil-réis em dinheiro.

Ganancioso e sonhando enriquecer, o jovem atirou-se ao trabalho. Dormia sobre o balcão, tendo por travesseiro um saco de estopa; conseguia o almoço por quatrocentos réis, na barraca de Bertoleza, trinta anos, esperta e bonita, escrava de um fazendeiro residente em Juiz de Fora e amigada com um lusitano, que fazia fretes pela cidade, puxando uma carroça de mão.

Bertoleza também tinha um sonho: conseguir bastante dinheiro, a fim de comprar sua alforria. Por isso, de manhã vendia angu, à noite, peixe frito e iscas de fígado. De tudo que ganhava ainda pagava, por mês, vinte mil-réis a seu dono. Qualquer atraso poderia impedi-la, legalmente, de continuar atuando no comércio.

O amante da crioula, verdadeiro atleta, trabalhava todos os dias, muitas vezes aos domingos e feriados, dependendo do cliente. Certa manhã, conduzindo uma carga superior às suas forças, caiu morto e terminou sendo enterrado como indigente.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça. Fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a consolou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe dos vinte mil-réis que era obrigada a entregar, mensalmente, ao seu dono. Se atrasava uma semana, logo

surgiam as ameaças e pelo menos duas vezes fora procurada pelos oficiais de justiça, a mando do fazendeiro. Quando estava praticamente com o valor da alforria na mão, acabou sendo roubada e teve que recomeçar tudo de novo. Já com bastante dinheiro reunido, pediu ao negociante que o guardasse, pois nele tinha confiança.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem punha e dispunha de suas economias, além de ficar encarregado de remeter os vinte mil-réis ao proprietário. Se Bertoleza necessitava pagar alguma conta, recorria a “seu gerente” e este procurava atendê-la, debitando metodicamente em um caderninho, em cuja capa escrevera “Ativo e passivo de Bertoleza”, os empréstimos que ela fazia. No embalo, também anotava algumas importâncias que o beneficiavam, certo de que a escrava, analfabeta, jamais colocaria sua contabilidade em dúvida.

E de tal forma o comerciante foi ganhando a confiança da mulher, que esta nada mais resolvia por si só; aceitava dele, cegamente, toda e qualquer sugestão. Quem precisava tratar com ela de um determinado negócio já não a procurava na barraca. Ia diretamente ao armazém do Romão.

Um belo dia, quando se deram conta, estavam convivendo como amantes. João, feliz da vida porque tudo que pertencia à amiga passava a ser dele também; ela, na maior alegria, por entender que seu destino era ter, na cama, um português a seu lado.

Com as economias da parceira comprou um terreno perto do armazém, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio. A parte da frente seria destinada à quitanda, a dos fundos ele a transformaria em dormitório, que arranjou na base dos cacarecos, inclusive da mulher, sem gastar com mobília nova.

Depois de se ocupar da casa onde morar, João Romão botou sua melhor roupa e, sem qualquer explicação, foi e voltou à cidade. Quando Bertoleza insistiu em saber o que fazia de tão misterioso, exibiu o papel, repleto de selos, carimbos e assinaturas. Era a carta de alforria. Leu os dados em voz alta para a